

Silvio Soares Macedo
Miranda Martinelli

P

PAISAGISMO ENSINO E PESQUISA
EM PÓS-GRADUAÇÃO

126

pós-

RESUMO

O texto apresenta o desenvolvimento conceitual e metodológico da pesquisa e das atividades de ensino no tocante ao paisagismo no curso de pós-graduação da FAUUSP, de 1970 até o início do ano 2000. Nestes 30 anos o assunto mereceu a criação de uma subárea denominada paisagem e ambiente, pela qual já passaram dezenas de pesquisadores, e enfoca o esforço pioneiro da Prof^a Dra. Miranda M. Magnoli e seus seguidores para implementar a área.

ABSTRACT

This paper focuses on the development of graduate studies in landscaping at FAUUSP. Initiated in the 1970's with the pioneering efforts of Miranda M. Magnoli, the area has grown to incorporate the work of other professors as well as of dozens of students conducting research on landscape and environment, and now, the area is about to be officially recognized. The methodological and conceptual aspects of the academic production of the unit are emphasized here, especially those which have contributed to the development of different approaches to Brazilian housing problems.

A FAUUSP é pioneira em estudos de pós-graduação no país no âmbito da arquitetura, do urbanismo. O ensino da paisagem é o gerador responsável por muitos dos docentes e pesquisadores de outras faculdades de arquitetura do país.

Atualmente a área de concentração da pós-graduação da FAUUSP é claramente interdisciplinar, tratando das “Estruturas Ambientais Urbanas” Linhas específicas para cada campo do conhecimento inserido nas estruturas ambientais urbanas organizam o programa de pesquisa, as dissertações de mestrado e teses de doutorado, caracterizando as particularidades das interdisciplinaridades. Na linha de pesquisa paisagem e ambiente, que dirige o encaminhamento dos estudos e da investigação, a meta é a proposta espacial: o desenho que nasce no projeto e se efetiva no espaço, considerando-se a teoria e os procedimentos metodológicos como fundamentais dentro da estrutura interdisciplinar específica da arquitetura e do urbanismo.

A reestruturação no ano 2000 – em discussão – do curso de pós-graduação, com a criação de novas áreas de concentração, é importante. A criação de uma área de concentração específica para os estudos, em nível de pós-graduação, sobre a paisagem deverá se constituir em importante marco na história da relação entre a cultura da paisagem e a evolução da disciplina paisagística como matéria de ensino.

Atualmente é obrigatória a existência da disciplina de Paisagismo em todos os cursos de arquitetura no Brasil; a criação de programas de pós-graduação específicos, *strictu e lato sensu*, faz-se urgente até para adequada reformulação do programa de graduação, na formação do arquiteto-urbanista. A esses novos programas de pós-graduação caberia o aprofundamento e aperfeiçoamento, indispensável para a atuação específica no campo da construção da paisagem; será mister delinear com clareza as interdisciplinaridades com os outros campos do conhecimento e respectivos desempenhos, propiciando avanços reais sobre as características das temáticas em investigação e a qualidade dos produtos. São as novas condições institucionais que promovem a estruturação de um programa de coleta e sistematização de material empírico para elaboração teórica em linhas específicas, podendo-se, pois, conferir consistência à meta da proposta espacial.

QUESTÕES ATUAIS

São basicamente relacionadas à idéia de construção do ambiente cultural, socialmente radicado, pela sabedoria e arte do desenho da paisagem; à revisão das relações entre a entidade – sociedade e espaço – e a identidade – “continente” (estética) e “conteúdo”(ética); à incorporação da complexidade e potencialidades da expressão “vida” em toda plenitude e participação social. Repensar e incorporar para todos os atores sociais – habitantes em um lugar do planeta Terra – envolve: 1. relativizar certezas, assumir diversidades, limitações e potencialidades de mudanças, traduzir planos e projetos em políticas públicas de processos de apropriação e gestão social do espaço

para paisagens ricas, múltiplas e variadas em identidades culturais de estilos de vida social e historicamente construídos, em valores intrínsecos do meio físico; 2. compreender o lugar de cada lugar e o plural de cada realidade; 3. articular estratégias de sustentabilidade; de produção privada e pública pactuada, valorizando a res-pública; de avaliação de disponibilidades e estímulos à qualidade das relações sociais, à urbanidade; de interação dos focos de informação-formação da comunicação-convivência física e apropriação social; de implantação e gestão em interações escalares da nova paisagem pelo plano e projeto, como intrínsecas ao próprio plano e projeto; de garantia das várias formas de participação com avaliação e reconhecimento específico de seus alcances. São conceitos e propostas para um plano-processo de pesquisa e ensino que se manifeste pela qualidade da forma do ambiente, das configurações paisagísticas, do desenho de espaços livres densos de civilidade, de urbanidade – aquela densidade que preenche os espaços vazios de urbanidade do espaço particular. Plano a ser permanentemente cotejado e atualizado nos seus objetivos como um instrumento dinâmico que nos aproxime e reaproxime do conhecimento.

O caráter global e interdependente da sociedade do final do século 20 já não permite adiar ou deixar de avaliar, e cuidadosamente aprofundar, em nosso processo de pesquisa e ensino, o rebatimento do tema do desenvolvimento com o meio ambiente. Ao longo dos últimos vinte anos, entre a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente, em Estocolmo/72 e a Conferência do Rio de Janeiro/92, foram profundamente alterados os fundamentos da discussão ambiental. Foi realizada, pelos países do Cone Sul, a conexão entre os temas meio ambiente e desenvolvimento.

As problemáticas demográfica e tecnológica em que se organizavam as discussões ao tempo de Estocolmo dissociavam o meio ambiente do desenvolvimento. O adensamento do temário, em anos de estudos, discussões e conferências (espécies da flora e fauna ameaçadas de extinção/73, recursos hídricos/75, estabelecimentos humanos/76, desertificação/77, fontes novas ou renováveis de energia/81, direitos do mar/82, camada de ozônio/85 e 87) conseguiu introduzir a problemática social e econômica no âmago da questão ambiental. É nesta introdução que se ampara o conceito de desenvolvimento sustentável. Por este conceito se desfaz a oposição entre desenvolvimento e meio ambiente, situam-se as responsabilidades dos padrões existentes de relação entre a sociedade e a natureza, fundamentam-se debates para processos de mudança dos padrões e das estratégias econômicas para promoção do crescimento da riqueza e melhoria das condições de vida, procurando modelos capazes de evitar a degradação ambiental e a exaustão dos recursos naturais. Procura-se exigir a transferência de recursos financeiros e tecnologias para viabilizar e implementar – Agenda 21 – modelos e programas de crescimento ecologicamente aceitáveis. Porém, o encaminhamento da Convenção sobre Diversidade Biológica e as negociações sobre mudanças climáticas globais e a Conferência de Kioto, fazem-nos observar as grandes resistências para a conciliação de interesses poderosos divergentes e a falta de mecanismos para transferências significativas de recursos destinados a projetos ambientais.

A temática ambiental veio para ficar: será preciso desprender-se dos desconhecimentos e preconceitos que, em nosso campo de reflexões, marginalizam, obscurecem e limitam o temário.

O Contexto na Década de 70

A disciplina Arquitetura Paisagística foi introduzida no curso de formação de arquitetos da FAUUSP desde suas primeiras turmas, em 1952. De 1948 – quando se iniciaram os cursos da FAU – ao início da década de 70, a universidade havia, gradualmente, implantado os departamentos, as carreiras docentes, os três regimes de trabalho docente; vinculavam-se então as disciplinas a professores que, para serem responsáveis, deveriam cumprir concursos acadêmicos em nível de doutorado, pelo menos. A disciplina Paisagismo não possuía, na ocasião, um professor responsável nestes moldes institucionais.

Em 1971 e 1972 se preservava a existência do conteúdo de Paisagismo pela responsabilidade assumida pelo Prof. Dr. Lauro B. Birkholz, catedrático da seqüência (atual grupo de disciplina) de Planejamento Urbano; lecionava-se Arquitetura Paisagística em horário e créditos cedidos pela disciplina Planejamento I. A FAUUSP, a partir do Fórum de 62, implantara três departamentos (Projeto, História da Arquitetura e Estética do Projeto e Tecnologia da Arquitetura); no Departamento de Projeto criara as seqüências de Projeto, Planejamento Urbano, Comunicação Visual e Desenho Industrial – com disciplinas em todos os anos e docentes responsáveis por seqüência; quintuplicara o número de alunos e triplicara o número de docentes. À disciplina Arquitetura Paisagística deveria ter sido garantido e ampliado aquele espaço que fora inovador em 1952. Nesta mesma FAUUSP, com todas as dificuldades e contradições dos primeiros anos, eram também possíveis outras formas de contribuição ao conhecimento. Exemplo importante é o de Nestor Goulart Reis Filho, responsável no Brasil pela primeira abordagem sistemática da urbanização como processo social. Organizara – ainda em 1962 – um grupo de disciplinas de História da Urbanização dando início, na FAU, por intermédio das pesquisas, à criação de matéria crítica indispensável para a evolução do ensino e da profissão. De 1952 a 1973, na Arquitetura Paisagística não havia sido organizada uma seqüência de disciplinas, com um corpo de docentes e um professor responsável dentro dos aspectos institucionais; as intensas e extensas transformações desse longo período encontraram o ensino da área a descoberto. Por outro lado, nos primeiros anos da década de 70, os graves problemas políticos do país também se manifestaram na FAU pela impossibilidade de contratação de novos docentes, expressa por escassos recursos financeiros. Perdera-se a oportunidade de inserção adequada da seqüência no curso, de criação de um corpo docente, de uma linha específica de pesquisa e ensino e o professor Robert Coelho Cardozo, regente de cátedra desde 1952, havia se afastado em 1968; (em 1969 transfere sua residência para Londres). Nesse período foram vários os instrutores de ensino que participaram das atividades didáticas dessa primeira etapa: a arquiteta prof^a Daisy Igel Honnenberg (1953-1957, formada em Harvard), o arquiteto prof. Rodolpho Almeida Fernandes (1957-1967 da FAU), o arquiteto prof. Antonio Augusto Azevedo Antunes

(1962-1974, da FAU). O prof. Antunes teve o apoio do arquiteto prof. Marcos Souza Dias, de 1969 a 1970, e da arquiteta prof^a Miranda Martinelli Magnoli, em 1971-1972.

Foi a apresentação, defesa e homologação da tese de doutorado "*Contribuição ao estudo dos espaços livres de uso público nos grandes aglomerados urbanos*" da arquiteta proff^a Miranda Martinelli Magnoli – orientada pelo Prof. Dr. Nestor G. Reis Filho – em meados de 1973, que permitiu novamente a institucionalização da disciplina.

Na etapa que se inicia em meados de 1973, foram três os aspectos principais que nortearam o início da atuação da nova professora responsável: a estruturação do arcabouço conceitual e metodológico, a reavaliação e atualização do ensino de paisagismo, a formação de uma equipe de docentes com muito interesse pelo ensino/pesquisa e razoável identidade coletiva, enquanto proposta de trabalho e procedimentos pedagógicos.

A presença de Robert Coelho Cardozo em São Paulo, com um escritório de projetos, e na FAUUSP como professor convidado por Anhaia Mello, este último primeiro diretor e regente da cátedra de Urbanismo, tinha criado muitas sementes. Cardozo era uma figura muito interessante e instigante, projetista de mão cheia, com muito bom conhecimento do jardim californiano de T. Church, Royston e Eckbo. Seu trabalho foi muito significativo, marcou muito alguns dos arquitetos que naqueles anos se formavam: Miranda estagiou por anos em seu escritório; também Ayako Nishikawa. Em um campo muito limitado ao desenho de pequenos jardins residenciais, dedicaram-se inicialmente Miranda Martinelli Magnoli, Rosa Grena Kliass. Era importante o legado de Robert Cardozo, mesmo que os aspectos a abordar e a privilegiar – especialmente para aquelas profissionais iniciantes – não tivessem ficado muito claros, haviam temas a desenvolver: os entornos da edificação, do lote a projetar, das visuais a valorizar e a obscurecer; os ritmos, o tempo, as estações e as peculiaridades da vegetação enquanto ser vivo; a distribuição e a massa da edificação; a valorização dos diferentes materiais de construção que participavam do espaço externo; a distribuição de espaços na área externa. Em poucos anos, já com um espaço pouco mais amplo, Luciano Fiaschi, Ayako Nishikawa, Benedito Abbud, Suely Suchodolsky e poucos outros viriam a aperfeiçoar muitos desses aspectos com a prática profissional. Robert Coelho Cardozo desenvolveria em 1967/1968, com o arquiteto Marcos Souza Dias, o projeto da Praça Roosevelt. Paralelamente, desde meados de 50, Waldemar Cordeiro, artista plástico de talento, inserido entre os movimentos de vanguarda da época, intelectualmente irrequeto e estudioso, desenhava jardins em um estilo em que se observa a procura de conceituação, ora pela obra de arte, ora pela reflexão sobre a natureza, ou pelo entendimento da inserção urbana, pelas inovações científicas transpostas para a percepção e criação artística. Muitos foram os projetos de W. Cordeiro; seu isolamento em relação aos quadros do ensino – apesar dos muitos contatos com arquitetos e urbanistas – e seu falecimento prematuro privariam o paisagismo paulista de uma importante experiência e contribuição. Destaca-se totalmente desse quadro Roberto Burle Marx. Residente no Rio de Janeiro, já associara – desde os idos de 40 – sua excepcional linguagem paisagística aos edifícios mais significativos da moderna arquitetura brasileira. A qualidade de sua manifestação artística seria

reconhecida internacionalmente nos jardins, parques, murais, jóias e pintura. Haruyoshi Ono e José Tabacow inicialmente, depois também Klara Kaiser Mori e Koiti Mori até meados de 1970 estariam, no seu ateliê, colaborando nos projetos de jardins e parques.

“Arquitetura” e “Paisagem”

Herdar, em meados de 1970, as palavras “arquitetura” e “paisagem” em um único contexto é compreensível em face das peculiaridades de introdução da disciplina no curso de graduação para arquitetos por Coelho Cardozo, americano de origem e formação profissional. De fato, o primeiro curso universitário, em nível de graduação, concedendo o título de Landscape Architect, foi instituído nos Estados Unidos, na Universidade de Harvard, junto à Lawrence Scientific School em 1900. Henry Thoreau, George Perkins, Marsh, Law Olmsted, Charles Eliot, Charles Vaux, Horace Cleveland, Andrew J. Downing acreditavam em um ambiente público de parques, vias-parque e instituições voltadas ao estudo da história, da ciência e da arte para transformar os valores sociais e o cotidiano das cidades, na época em crescimento demográfico excepcionalmente rápido e de difusa imigração devido ao surto da industrialização. É um contexto histórico específico da ocupação do leste americano para o qual convergem pensamentos de várias fontes intelectuais, associando questões religiosas locais com uma visão de natureza, de paisagem e de democracia; imaginava-se imprimir no espaço a idéia de identidade cultural americana. Ao elaborar uma contribuição importante para o desenho da paisagem urbana, tornaram-se os pioneiros do paisagismo moderno e estendem a abrangência de seu trabalho para a implantação de parques nacionais, campus universitários, parques para deficientes mentais; participam na estruturação do Serviço Florestal Americano; dão início ao desenho regional, ao sistema urbano de parques, à proteção dos recursos naturais e ao movimento para a implantação de parques nacionais, com a sagração de paisagens nacionais excepcionalmente significativas.

É essa orientação inovadora, antitradicional para a época, de largo fôlego, que respalda o curso de Arquitetura Paisagística que se abre em Harvard.

Herdar, em meados de 70, as palavras “arquitetura” e “paisagem” em um único contexto é compreensível, visto que se introduz como uma das disciplinas de um curso de arquitetura e urbanismo. É importante, porém, ressaltar que é implantada somente no nível de graduação dentro de um curso de 5 anos para formação de arquitetos; outras disciplinas em alguns anos transformaram-se em seqüências seriadas de disciplinas obrigatórias em todo curso, comportando simultaneamente disciplinas optativas; é uma origem de educação universitária bastante diferente daquela americana.

Herdar, em meados de 1970, as palavras “arquitetura” e “paisagem” em um único contexto como nome da disciplina de estudo é, pelo menos, estranho; pressupõe alguma relação nas transformações do entendimento de cada uma das palavras. No entanto, a evolução de cada uma não é linear, muito menos homogênea ou harmoniosa.

Nas décadas de 40 e 50 a arquitetura moderna brasileira atingiu inquestionável patamar de qualidade e identidade próprias. A formação profissional do arquiteto

brasileiro subordinou-se, desde essas décadas, a um marco ideológico modernista que vinha sendo articulado nas décadas de 20 a 30.

É a partir da década de 60 (nos chegamos após alguns anos), com as teses controversas de Yona Friedman, Geoffrey Broadbent, Christopher Alexander, Theo Crosby e outros que começam a discutir a arquitetura, a teoria do projeto arquitetônico e os procedimentos projetuais. Depois de anos de discussão do “perfil do arquiteto” faz-se mais clara a necessidade de renovação com a identificação de alguns dos aspectos da teoria funcionalista que simplificada se adaptara a partir do ensino da Bauhaus.

O país, demograficamente rural, encaminhava-se para a urbanização; foi uma revisão perceber-se que ao objeto arquitetônico caberia referir-se a um sujeito – o homem. Deveria englobá-lo como indivíduo e como coletividade. Como reagiria uma faculdade que se criara como de arquitetura e urbanismo com a introdução de conceitos tão opostos? Como deveria participar a arquitetura paisagística com um ensino em que todos os campos de estudo deveriam subordinar-se a uma “linha-tronco” que privilegiava o objeto isolado no espaço, indiferente ao sítio, à história, à geografia, à paisagem? Como se situar, enquanto arquitetos e professores, formados em pleno movimento da nova arquitetura, quando esta se iniciara com uma definição famosa, enunciada por William Morris, em 10 de março de 1881, em conferência na London Institution:

“O meu conceito de arquitetura está na união e na colaboração das artes, de maneira que cada uma esteja subordinada às demais e com essas em harmonia, e quando, esta noite, usar essa palavra – arquitetura – este será o significado; não, um mais limitado. É uma concepção ampla, porque enlaça o inteiro ambiente da vida humana; não podemos nos subtrair à arquitetura, na medida em que fazemos parte da civilização, pois esta representa o conjunto das transformações e alterações feitas sobre a superfície terrestre, face às necessidades humanas. Nem podemos entregar nossos interesses à uma elite de pessoas preparadas, pedindo para pesquisar, avaliar, descobrir e criar o ambiente destinado a nos hospedar, admirando-nos depois com a obra feita e assumindo-a como se assim devesse ser. É tarefa que cabe a nós todos; cada um de nós deve se empenhar em velar e conservar com cuidado a orientação mais correta da paisagem terrestre; cada um com seu espírito e suas mãos, na parte que lhe cabe, para evitar de transmitir aos nossos filhos um tesouro menor que aquele que nos foi deixado pelos nossos pais.”

Os países europeus, após a Segunda Guerra Mundial, enfrentavam a relação entre arquitetura e cidade; a reconstrução das cidades se dava em sociedades em intensa e traumática transformação política. Emerge e se avoluma o debate arquitetura-cidade-história. As abordagens revelam múltiplas dimensões. No plano projetual Aldo Rossi, Vittorio Gregotti, Giuseppe Samonà, Nuno Portas, Henri Lefèbvre, Jane Jacobs, entre outros, contribuiriam decisivamente para a criação de um espaço de reflexão para o diálogo arquitetura-cidade.

A expressão “paisagem” nesses anos, passava a manifestar-se com significados amplos, complexos, porém bastante vagos, indistintos, incompletos; premissas comuns

eram “a natureza” e a censura à ação do homem. A percepção das mudanças naturais – de tempos biológicos – e também aquelas rápidas, extensas e difusas do trabalho do homem – de tempos históricos – levantava novamente a relação homem-natureza. Seria esta relação com todos os apelos e juízos – imprecisos, indefinidos – que seria associada à palavra “paisagem”

Fica exposta a rudeza de nosso engajamento pioneiro dos começos; a “arquitetura” da definição de W. Morris e a “paisagem” exigiam entendimento sem limitações conferidas *a priori*. Aderiam-se à palavra “paisagem” as interpretações das manifestações em espaços – todas as escalas perceptíveis pelas sociedades humanas – e tempos – aqueles dos novos meios de transporte, informação e comunicação. Era intangível o que se pretendia.

A perspectiva histórica que é desenvolvida nos anos 80 e 90 pelos americanos recupera antecedentes; indica quanto à arquitetura paisagística nos Estados Unidos, mais do que outras profissões, participou para formar a visão ideal do que são as grandes paisagens públicas americanas; revela as dificuldades do planejamento regional e urbano, especialmente das políticas públicas e de sua integração com o paisagismo. Não se justifica, neste documento, alongar-se no transcórre do pensamento paisagístico nos Estados Unidos. Este, entretanto, é decisivo enquanto legado que originou a implantação da disciplina. Por esse legado, muito diverso daquele que baseou os estudos na Europa – ainda variável conforme diferentes grupos de países – melhor se pode compreender o decorrer de abordagens dos profissionais e estudiosos do paisagismo no Brasil e, em particular, em São Paulo.

É também importante lembrar, para melhor compreender os primeiros 20 anos da disciplina em São Paulo, o viés americano profundamente integrado e bastante difuso do *learning by doing*. Uma menor propensão à teorização que, mesmo quando introduzida, logo sucumbe ao aprofundamento dos aspectos aplicativos. A maior parte das contribuições é, predominantemente, uma coleta de experiências de projetos raramente elaboradas enquanto teoria. A própria teoria desenvolvida por McHarg, para citar uma bastante divulgada, resente-se da falta de uma visão crítica mais cuidadosa de seu conteúdo.

É interessante observar que, ainda em 1970, o conceituado estudioso Albert Fein considerava que a criação de uma profissão singularizada em uma determinada especialização – como fora aquela dos criadores do paisagismo – teria sido uma limitação. Entendia que deveriam ter sido envolvidos também os demais profissionais afetos ao espaço para melhores resultados para a paisagem e o ambiente; a criação de escolas e profissões nitidamente separadas, além de prejudicial, teria reforçado objetivos que, ao invés de integrados ou até negociados, apresentaram-se, muitas vezes, conflitantes. Porém, somos o exemplo de que a integração das profissões não tem esse alcance. Esta condição, do ponto de vista do estado geral da paisagem, do entorno, do ambiente, é insuficiente.

A PAISAGEM NA PÓS-GRADUAÇÃO

Em 1978 se oferecia a primeira disciplina de pós-graduação *strictu sensu* (nível mestrado). A área, conhecida por “paisagismo” fazia parte do grupo de disciplinas Planejamento Urbano e Regional, do Departamento de Projeto.

Em 1979, a área ofereceria o primeiro curso de paisagismo em nível de pós-graduação, sentido lato.

O reduzido número de docentes, insuficiente para as atividades didáticas de graduação, era o principal entrave para oferta freqüente de disciplinas no mestrado. O doutorado exigido como titulação mínima, para o responsável pelo lecionamento de disciplinas e para a orientação, limitava a área. A imperiosa necessidade de preparo de matéria crítica para o lecionamento na própria graduação se rebatia, no plano institucional, na inscrição em mestrado de todos os docentes da área. Dessa forma sobrecarregava-se imensamente o único docente que deveria responder pela graduação, pós-graduação e orientação. Caminho por demais longo deveria ser percorrido para contar com outro professor orientador: o prof. Sílvio Soares Macedo, que iniciaria essa atividade em 1989, propiciando novo fôlego à área. Este se propõe ao atendimento a vários alunos, assumindo novos inscritos e alguns dos que já haviam iniciado as disciplinas e parte dos trabalhos com a prof^a Miranda M. Magnoli, muitos elaborariam dissertações e teses sob sua orientação.

O avanço foi expressivo: a) de 1973, com um único docente doutorado para a reinstitucionalização da disciplina, a 1976; nesse ano se contratam cinco novos docentes para o curso de graduação, todos auxiliares de ensino que deveriam a partir de então desenvolver suas pesquisas e carreiras docentes. Foram eles: Ayako Nishikawa, Eleonora Seligmann, Maria Angela F. Pereira Leite, Sílvio Soares Macedo e Sun Alex; b) em 1978 inicia-se a oferta de disciplinas de pós-graduação; c) é somente no final da década de 90 que se consegue efetivar um corpo de orientadores de 9 docentes: 2 para o nível doutorado e 7 para o nível mestrado. Muitos outros que nesse período tornaram-se mestres e doutores são, em geral, professores de outras faculdades de arquitetura.

De 1978 a 1990, a área de pós-graduação ofereceria número limitado de disciplinas. Por outro lado, a estrutura do curso da FAUUSP vem privilegiando um conjunto integrado de disciplinas das demais áreas com níveis de “concentração” e “complementação”. Por serem poucas as disciplinas e por ser demorado o processo de aprovação institucional, opta-se por programas diversificados dentro de títulos e ementas mais gerais.

Em 1978 o programa enfatiza o aspecto da significação social da paisagem, sob o título “Organização do espaço no âmbito de um país – O caso do Brasil”. Esta disciplina seria novamente oferecida em 1985. Em ambas a prof^a Miranda convida o Prof. Dr. Milton Santos para colaboração na abordagem teórica. Do primeiro para o segundo lecionamento foi introduzida forte proporção de seminários, debates e trabalhos, com os alunos rebatendo os conceitos teóricos nos projetos de pesquisa. Esta segunda etapa, avançando da exposição teórica às formas de expressão próprias da atividade do

arquiteto, valorizou a abordagem. O alto nível de reflexão, a percuciente visão crítica e o magnetismo de comunicação do prof. Milton Santos produziram efeitos marcantes. O aprofundamento de reflexões fundamentando as investigações é registro indelével que devemos à contribuição do prestigiado professor.

As temáticas principais foram: o estudo da paisagem, definições e acepções; a criação deliberada do homem; a paisagem e os estudos geográficos; a história e a atualidade dos estudos sobre a paisagem; a dialética da paisagem e do espaço; os conteúdos do espaço; os conjuntos de formas da paisagem; as periodizações; a história, as transformações e os novos parâmetros; as manifestações humanas; paisagem e sociedade; paisagem como síntese.

Em 1980 foi oferecida a disciplina Paisagismo, cujo programa apresenta os aspectos conceituais básicos do campo de estudo. A disciplina volta a ser oferecida em 1983 e 1987 e os planos de ensino privilegiam, em cada ocasião, abordagens que se revelam significativas para o desenvolvimento das pesquisas do grupo. Em 1980 foram apresentados aspectos relativos à natureza e ao homem; natureza e recursos; parques urbanos e recreação; paisagem urbana; vegetação e projeto de plantação. Em 1983 foram focalizados os rebatimentos na paisagem dos conhecimentos tecnológicos para fazer uso dos recursos naturais. A água foi o recurso destacado como estudo de caso. A abordagem analisou a água enquanto elemento da existência humana como recurso natural para produção de energia, veículo sanitário e de lixo e os problemas de abastecimento. Disponibilidades, polivalência de usos e processos de urbanização foram discutidos, desde a caracterização de bacias hidrográficas às várias transformações trazidas pelas técnicas. Participaram em palestras a geógrafa Olga Cruz e o arquiteto Fernando Regis Casério de Almeida, enquanto membros do órgão metropolitano de São Paulo. Palestras de apoio técnico específico foram proferidas pelo engenheiro Manoel Henrique Campos Botelho e pelo engenheiro Prof. Dr. Giorgio Brighetti, chefe do Departamento de Hidráulica e Saneamento da EPUSP.

Em 1987 a ênfase é dada às relações entre o desenho da paisagem e o impacto das ações antrópicas sobre o meio ambiente; valorizou-se a compreensão do entendimento da ecologia e do meio ambiente com acepções próprias para cada uma das expressões.

Em 1982 foi oferecida a disciplina Espaços Livres Públicos Coletivos Urbanos, lecionada novamente em 1987 na qual se propunha a analisar o contexto e o desenho dos espaços livres percebidos como de maior expressão na paisagem urbana. Na primeira ocasião foram analisados os desenhos que se tornaram patrimônios da cultura ocidental; na segunda, a Grande São Paulo foi o estudo de caso selecionado para analisar os desenhos em contextos em intensa dinâmica de transformações. Esse primeiro esforço de lecionamento e orientação resultou nos mestrados de Silvio Soares Macedo, Sun Alex, Ayako Nishikawa, Benedito Abbud, Paulo Renato Mesquita Pellegrino, Vladimir Bartalini, Maria Assunção Ribeiro Franco, Euler Sandeville Junior, Emmanuel Antonio dos Santos, Eugênio Fernandes Queiroga, Cássia Regina Mariano. Todos, com exceção de Benedito Abbud que, por motivos particulares, deixou o magistério superior, seguiram carreira como professores de paisagismo, em entidades públicas e privadas.

A atividade dos arquitetos é comprometida com o ato de projetar. Lidar com o urbano envolvia um conceito de paisagem para com as propostas de intervenção, alteração de espaços, usos e apropriações em que à cidade existente estava implícita a permanente reinterpretação em sua construção no tempo. Os aspectos físico-espaciais foram privilegiados, mesmo que relegando a segundo plano os instrumentos de intervenção, abordados com prioridade pelo planejamento urbano. A revisão da disciplina urbanística no último século chama-nos atenção para a insuficiência da dimensão físico-espacial na renovação e expansão do espaço urbano. O conhecimento do processo de urbanização e das práticas urbanísticas nas diferentes escalas urbana, metropolitana e regional se mostraram indispensáveis para a formulação de projetos em que a recuperação das dimensões físico-espaciais se fazia dentro do todo contextual próprio da cidade em estudo.

Um início de reflexão, ainda muito preliminar, é esboçado com algumas linhas básicas de critérios para desenvolvimento de um corpo de pesquisas com o trabalho de 1982, *Espaços livres e urbanização: Uma introdução a aspectos da paisagem metropolitana*, de Miranda M. Magnoli. Precedido por intensa coleta de dados e pesquisa bibliográfica, realizada de 1979 a 1981, adotou a paisagem metropolitana da Grande São Paulo como objeto de estudo; o foco é dirigido para as tipologias de tecidos urbanos, para os espaços livres urbanos e em especial para o sistema metropolitano/público de áreas de lazer.

OS ANOS 90 – UM PERÍODO DE CONSOLIDAÇÃO

Esta foi uma década de grande expansão da pós-graduação da FAUUSP, com o crescimento do número de disciplinas, alunos e de trabalhos produzidos. Nesse período, sob a gestão da professora Élide Monzéglio foi criada a subárea paisagem e ambiente, que aglutinou sob esta etiqueta todos os trabalhos orientados pelos professores do Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente (GDPA).

Nessa área foram finalizadas as teses de doutorado de todos os professores do GDPA, que finalizaram seus trabalhos, à exceção de Silvio Soares Macedo (doutorado em 1988), tornando-se, pois, capacitados para orientar teses e dissertações, até então exclusivamente orientadas pela Prof^a Dra. Miranda Martinelli Magnoli.

O próprio Prof. Dr. Silvio Soares Macedo começa a orientar seus primeiros alunos em 1989-1990, só então a subárea podendo contar com dois orientadores.

Somente na segunda metade dos anos 90 foram credenciados os professores dra. Maria Angela Faggin Pereira Leite, dra. Maria Assunção Ribeiro Franco, dr. Paulo Renato Mesquita Pellegrino, dra. Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima e estes três primeiros assumem suas primeiras orientações.

Os trabalhos de doutorado finalizados pelos professores de Paisagismo caracterizam-se por uma busca conceitual e metodológica, que lhes servisse, como de fato serviu, para a criação de uma base própria e coletiva, sobre a qual se fundamenta o paisagismo no Brasil, de certo modo libertando-o ou identificando-o perante às influências externas diretas.

A tese da Profª Dra. Maria Angela Faggin P. Leite apresentada em 1992 e editada em 1994, sob o título *Destruição ou desconstrução?*, é um exemplo claro desta busca, como os trabalhos dos professores doutores Paulo R. M. Pellegrino, Catharina P. C. dos Santos Lima e Maria Assunção R. Franco, que publica o livro *Desenho Ambiental*, em 1997. originado da tese homônima (1994) e o de Klára Anna Kaiser Mori.

Os trabalhos dos professores dr. Vladimir Bartalini (1990) e dr. Fabio Mariz Gonçalves (1999), este último recém-aprovado em processo seletivo para professor do GDPA (2000), versando sobre a produção dos espaços livres da cidade de São Paulo, áreas verdes no primeiro caso e da paisagem do bairro do Morumbi, ambos contêm importantes fundamentos para o desenvolvimento do campo teórico do paisagismo no Brasil.

O número de trabalhos em desenvolvimento aumenta verticalmente e os professores dra. Miranda Magnoli e dr. Silvio Soares Macedo centralizam a orientação de cerca de duas dezenas de teses de doutorado durante o período.

Esse fato permite uma abertura temática de porte, enquanto também possibilita o aprofundamento de alguns temas já desenvolvidos em trabalhos de pesquisa precedentes, como os relativos à transformação da paisagem em áreas costeiras, baseados todos no método desenvolvido e apresentado em 1992 pelo Prof. Dr. Silvio Soares Macedo na sua tese de livre-docência *Paisagem, urbanização e litoral do éden à cidade*.

Os trabalhos já finalizados de mestrado de Maria Bethania de Mattos (1997), Dina Hauzman (1998), Leonardo dos Santos (1999) e Omar de Almeida Cardoso (1999) dedicam-se a elaborar sobre estes conceitos, bem como os novos trabalhos de doutorado de Cintia Afonso e Dina Hauzamn, ambos amparados por bolsas da Fapesp.

Os campos de estudos abertos começam a delinear-se de um modo claro, podendo ser identificados trabalhos dedicados a elaborar sobre fundamentos do paisagismo, outros sobre procedimentos de projeto, projeto de paisagem urbana, planejamento paisagístico e ambiental, história da paisagem e do paisagismo no Brasil e métodos de ensino.

Esses campos identificam-se diretamente com as temáticas abordadas dentro do escopo da Revista *Paisagem e Ambiente – Ensaios*, que formalizada do início da década por uma iniciativa isolada do GDPA, e assumida como uma revista oficial da FAUUSP, torna-se o principal veículo de divulgação do conhecimento do paisagismo no Brasil dos anos 90.

Concebida no formato de livro, de publicação anual, tem como editor o Prof. Dr. Silvio Soares Macedo e um grupo de assessores, de pesquisadores e professores da FAUUSP e de algumas das principais entidades de pesquisa do país.

A linha editorial impressa tem procurado valorizar o trabalho de pesquisadores da área, de todos os pontos do país e das mais diversas categorias, sejam eles professores, bolsistas de iniciação científica com trabalhos de qualidade, mestres ou doutores.

Nos seus 12 (doze) números editados no período, foi responsável pela divulgação de cerca de uma centena de textos de fundo, a maioria deles já adotados como textos referência nos cursos de arquitetura e urbanismo do país.

Muitos destes textos, como os de Décio Rigatti, Euler Sanderville Jr., e Paulo Renato M. Pellegrino foram extraídos e adaptados de teses e dissertações geradas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, a sua principal fonte de produção de material inédito e adequado.

Apesar da produção de porte e rica de conteúdos do período, um só foi praticamente o modelo adotado na geração de novas teses e dissertações baseado em um interesse especial do aluno, que por um motivo qualquer coincide com o do orientador. Somente três casos conformaram-se de outro modo, os dos projetos de mestrado do Mauro Font intitulado *Praça urbana – Transformações morfológicas e funcionais – A praça e suas transformações no processo evolutivo da paisagem cotidiana das áreas centrais da grande metrópole brasileira: São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Belém e Porto Alegre* e mestrado de Denise Franquini Morales intitulado *Os parques na grande cidade brasileira* e o doutorado de Fabio Robba intitulado *A praça contemporânea brasileira*, todos baseados nos estudos e resultados do projeto integrado/temático de pesquisa do Quadro do Paisagismo no Brasil – QUAPÁ, desenvolvido a partir de 1994 pelo Prof. Dr. Silvio Soares Macedo dentro do Laboratório da Paisagem do Grupo de Disciplinas Paisagem e Ambiente, no Departamento de Projeto.

Esses trabalhos surgiram do trabalho dos alunos, todos os pesquisadores do projeto, que formularam projetos de pesquisa para a pós-graduação a partir de interesses fundamentados no projeto cotidiano da pesquisa do QUAPÁ. Fabio Robba e Denise Franquini Morales são orientados pelo Prof. Dr. Silvio Soares Macedo, coordenador do projeto e do laboratório e Mauro Font, orientado pela Prof^a Dra. Maria Angela Faggin P. Leite.

No ano de 1999, o Prof. Dr. Paulo Renato M. Pellegrino, participante de um projeto de pesquisa integrado sobre a questão ambiental e as bacias hidrográficas denominado *Rios e cidades – Identidades em conflito*, conduz sua orientanda Pacita Lopes Franco, recém-ingressa no mestrado a utilizá-lo como base dos seus estudos. Configura-se essa forma prática de inserção do aluno, na pós-graduação, a partir de um projeto-mãe.

Este fato é altamente positivo, pois permite ao aluno uma discussão de nível e cotidiano sobre seu objeto de estudo e ainda lhe possibilita o acesso a temáticas e a dados impossíveis de acesso em um projeto individual convencional.

A existência de grupos de pesquisa só se viabiliza tecnicamente à medida que existam professores doutores, interessados e responsáveis, que se dediquem preferencialmente em tempo integral às atividades de ensino e pesquisa, fato este só possível de fato, e ainda de um modo embrionário, na FAUUSP nesta década.

A estes grupos torna-se fácil a agregação de novos pesquisadores, que como colaboradores ingressam no projeto, e mesmo não participando do seu cotidiano, prestam um auxílio ao seu desenvolvimento e dele retiram insumos.

Esse foi o caso dos pesquisadores Vicente Barcellos (1995-1999) e Vera Tângari (1995-2000) e é o caso de Gutemberg Weingartner (1995 em diante) e Wolfgang Steschenko (1996 em diante) que incorporam seus trabalhos como associados ao projeto QUAPÁ.

Figura 1

O estudo dos parques urbanos, sua gestão, projeto e distribuição foi objeto de pesquisas diversas, entre elas as de Vladimir Bartalini e Vicente Barcelos e é objeto de outras muitas, como o projeto Quapá – Quadro do Paisagismo no Brasil



Figura 2

O litoral brasileiro foi e é objeto de inúmeras pesquisas do planejamento paisagístico como as de Cintia Afonso, Dinah Hauzmann e Maria Betânia de Mattos



Esse projeto constitui-se no primeiro procedimento de pesquisa de paisagismo, de dimensão nacional, desenvolvido no país, e só foi possível pela preexistência, na FAUUSP, de condições de conhecimento sólidas, baseadas nos trabalhos desenvolvidos na pós-graduação, tanto pelo seu coordenador como pelos seus integrantes e colaboradores mestrandos/doutorandos e pela sua assessora arquiteta Fanny Gallender.

O projeto estabelece uma discussão sobre a criação e locação do projeto paisagístico de espaço público (em especial) na cidade brasileira, e a partir deste objetivo abrangeu seus estudos no período em questão por 35 (trinta e cinco) cidades significativas do país, como São Paulo, Salvador, Manaus, Rio de Janeiro e Curitiba. Pretende-se, no novo século que se inicia, fazer uma revisão geral dos procedimentos e uma abertura do campo de estudo.

Como principal resultado foi lançado em 1999 o livro *Quadro do paisagismo no Brasil*, o primeiro texto crítico produzido no país, destinado a apresentar e discutir o paisagismo brasileiro, no seu escopo nacional.

PERSPECTIVAS

O ano 2000 marca um momento de inflexão nos estudos de pós-graduação de paisagismo na FAUUSP

Os orientadores são 7 professores: dra. Miranda Martinelli Magnoli, dra. Maria Angela Faggin Pereira Leite, dr. Paulo Renato Mesquita Pellegrino, dra. Maria Assunção Ribeiro Franco, dra. Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima e dr. Silvio Soares Macedo e devem chegar a 9 em breve com o ingresso no programa do Prof. Dr. Vladimir Bartalini e dr. Fabio Mariz Gonçalves (recém-contratado da FAUUSP).

O número de orientandos de mestrado e doutorado é grande: 29 (vinte e nove) em abril de 2000, e a tendência a aumentar é clara, na medida em que existem inúmeras vagas para orientação e outras serão abertas em breve. Estas deverão ser rapidamente preenchidas nos próximos anos, já que a demanda real é muito grande, em função do fato da obrigatoriedade da existência na matéria paisagismo nos cursos de graduação em arquitetura e urbanismo do país (que já chegam a mais de uma centena) e que necessitam de quadros docentes estruturados a partir de programas de pós-graduação.

Por outro lado, observa-se uma demanda crescente para a formação de quadros para cursos de especialização e extensão e de pesquisadores universitários de elite, que possam participar de núcleos e projetos de pesquisa.

A área paisagismo cresceu e se consolidou nos últimos 30 (trinta) anos e a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, com seu corpo de pesquisadores e professores e especialmente com a sua pós-graduação, foi a base nacional para este desenvolvimento, que nos permite hoje afirmar a existência de um corpo teórico metodológico consistente e sistematizado, que fundamenta o paisagismo brasileiro.

Essa existência está comprovada nas teses e dissertações que já alcançam quase 5 (cinco) dezenas à disposição nas bibliotecas da FAUUSP, aos textos publicados e divulgados em revistas e congressos, alguns inclusive de cunho internacional, ao aumento do número de pesquisadores em atividade, tanto vinculados ao curso como em ação pelo país.

Hoje, estruturam-se núcleos e centros de pesquisa de paisagismo no Rio de Janeiro, Viçosa (MG), Recife e Florianópolis, nos quais a participação indireta ou direta de pesquisadores associados ou egressos da FAUUSP é um fato real, indicando-nos a abertura de novas áreas e campos de atuação.

Não estamos mais em uma fase preliminar pequena e a última década foi essencial para a superação dessa fase. O paisagismo deixou de ser um assunto exclusivamente considerado como referente à vegetação, no contexto urbano ou não, para se transformar em uma área de conhecimento científico que se dedica a estudar a paisagem brasileira nas suas diversas acepções, configurações e escalas, colaborando no entendimento da realidade espacial nacional, especialmente no tocante às questões referentes à urbanização.

Conseguiu-se uma libertação dos cânones, metodológicos e conceituais do passado bastante conectados a padrões americanos e europeus, que foram revistos e redimensionados em relação à formação da realidade nacional e para tanto foram e são importantes os procedimentos teóricos e metodológicos dos professores dra. Miranda M. Magnoli e dr. Milton Santos, que se tornaram base e referência para todo o processo. O consenso ainda está longe de existir para a construção do nosso corpo teórico e os textos da professora dra. Maria Angela Faggin Pereira Leite, Euler Sandeville Júnior e muitos outros são referências de conteúdo nos quais o jovem estudioso poderá se debruçar iniciando suas atividades sobre pelo menos duas gerações de pensamento paisagístico.

Essa base pode ser conferida nos sucessivos Encontros Nacionais de Ensino de Paisagismo em Escolas de Arquitetura e Urbanismo no Brasil (Enepeas), que realizados a partir do colóquio sobre ensino de arquitetura paisagística no Brasil, realizado na FAUUSP em dezembro de 1993, tornaram-se habituais e centralizam as certezas e dúvidas dos trabalhos e discussões dos professores e pesquisadores nacionais sobre o assunto. Esse evento chega ao ano 2000 em sua quinta edição, sobre o patrocínio da Universidade Federal do Rio de Janeiro e coordenação da Profª Dra. Vera Tângari (formada doutora na FAUUSP-2000) e reúne mais de 80 (oitenta) trabalhos individuais, exposições, palestras nacionais e internacionais e a participação de cerca de 200 (duzentos) interessados no assunto (anteriormente foi montado nas cidades do Rio de Janeiro – UFRJ, São Paulo – FAUUSP, São Carlos – Arquitetura e Urbanismo/USP e Florianópolis – UFSC).

Tabela 1 – Áreas de Concentração: Estruturas Ambientais Urbanas
Subárea Paisagem e Ambiente – Mestrados e Doutorados Concluídos

Orientador(a): Prof^a Dra. Miranda Martinelli Magnoli

Alunos (as):	Título do Trabalho	Categoria	Ano/Início
1. Silvio Soares Macedo	“Mutação de Paisagem Urbana – Higienópolis e Arredores”	MS	1982
2. Ayako Nishikawa	“Espaços Livres Junto às Habitações: As Ruas de Lazer em São Paulo”	MS	1984
3. Sun Alex	“Água e Paisagem: Questões de Paisagismo em Torno de um Reservatório de Abastecimento na Grande São Paulo”	MS	1985
4. Benedito Abbud	“Vegetação e Projeto”	MS	1987
5. Vladimir Bartalini	“Praça do Metrô em São Paulo”	MS	1987
6. Paulo Renato Mesquita Pellegrino	“Paisagem e Ambiente: Um Processo de Aproximação no Setor Oeste da Macrometrópole de São Paulo”	MS	1988
7. Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima	“Paisagem em Metamorfose: A Cidade de Natal”	MS	1988
8. Maria Assunção Ribeiro Franco	“Projeto Paisagístico: Edifícios Bancários”	MS	1989
9. Cássia Regina Mariano	“Parques Metropolitanos de São Paulo”	MS	1992
10. Euler Sandeville Junior	“A Herança da Paisagem”	MS	1993
11. Emmanuel dos Santos	“A Evolução Urbano – Industrial e a Transformação da Paisagem – O Caso de São José dos Campos”	MS	1993
12. Eugênio Fernandes Queiroga	“A Produção da Paisagem Habitacional Metropolitana – Três Estudos de Caso no Município de Osasco”	MS	1994
13. Catharina Pinheiro C. dos Santos Lima	“A Natureza na Cidade, a Natureza da Cidade”	DR	1996
14. Davi Chermann	Jogos de Linguagem – Recortes Analógicos e Digitais”	MS	1998
15. Euler Sandeville Junior	“As Sombras da Floresta – Vegetação, Paisagem e Cultura no Brasil”	DR	1999

Orientador: Prof. Dr. Silvio Soares Macedo

Alunos (as):	Título do Trabalho	Categoria	Ano/Início
16. Helena Napoleon Degreas	"Paisagem e Produção Ambiental Conceitual"	MS	1991
17. Saide Proust	"O Médio e Baixo Tietê – Questões Paisagísticas"	MS	1993
18. Wantuelfer Gonçalves	"Padrões de Assentamento de Áreas Municipais"	DR	1994
19. Dinah Hauzmann	"Guarujá – Questões Paisagísticas"	MS	1995
20. Márcia Meneh	"Padrões Paisagísticos em Bairros Residenciais"	MS	1997
21. Ézia S. Neves	"Praças em Belém"	MS	1997
22. Maria Betânia Mattos	"Litoral Paraibano e Urbanização"	MS	1997
23. Décio Rigatti	Mutação Urbana e Conjunto Residencial"	DR	1997
24. Maria da Glória Lanci da Silva	"Paisagem e o Alto Tietê"	MS	1997
25. Rogério Akamine	"Paisagem Urbana – Três Grandes Avenidas"	MS	1998
26. Sonia Afonso	"Paisagem de Encostas"	DR	1999
27. Vicente Barcellos	"Sistema de Parques em Brasília"	DR	1999
28. Jonathas Magalhães P. da Silva	"Paisagismo: Ensino/Informática"	MS	1999
29. Fábio Mariz Gonçalves	"Paisagem Urbana – Morumbi"	DR	1999
30. Helena Napoleon Degreas	"Paisagem Neoliberal"	DR	1999
31. Omar Cardoso de Almeida	"Padrões Paisagísticos – Ubatuba"	MS	2000
32. Vera R. Tângari	"O Outro Lado do Rio de Janeiro"	DR	2000

Orientador: Prof. Dr. Milton Santos

33. Maria Angela Faggin P. Leite	"Destruição ou Desconstrução?"	DR	1992
----------------------------------	--------------------------------	----	------

Orientador: Prof. Dr. Felisberto Cavalheiro

34. Jonas Cano	Sistema de Espaços Livres em São Roque"	MS	1998
----------------	-----------------------------------------	----	------

Tabela 2 – Áreas de Concentração: Estruturas Ambientais Urbanas
Subárea Paisagem e Ambiente – Trabalhos em Andamento em Abril de 2000
Mestrados/Doutorados

Orientador(a): Profª Dra. Miranda Martinelli Magnoli

Alunos (as):	Título do Trabalho	Categoria	Ano/Início
1. Zeuler Rocha Mello A. Lima	“A Paisagem Urbana na Modernidade Pós-Moderna: Estetização e Espetáculo”	DR	1994
2. Alexandre Santos Loureiro	“Território Urbano e Reserva Natural”	MS	1995
3. Arnaldo Rentes	“O Desenho da Paisagem das Reservas Estaduais	MS	1996
4. Emmanuel dos Santos	“Metamorfose da Paisagem na Megalópole Brasileira”	DR	1997
5. Ana Maria Coelho	“A Vegetação e a Atuação Pública e Privada”	MS	1997
6. Carlos Alberto da S. Fernandes	“A Vegetação Urbana e o Papel da Legislação”	DR	1997
7. Sun Alex	“O Projeto do Espaço Livre na Área Central de São Paulo”	DR	1999
8. Paulo Chiesa	“O Desenho, o Arquiteto, a Paisagem e o Ensino”	DR	1999

Orientador: Prof. Dr. Silvio Soares Macedo

9. Paula da Cruz Landin y Goya	“Desenho de Paisagem Urbana: Os Modelos e Cidades do Interior Paulista”	DR	1995
10. Gutemberg S. Weingartner	“Praças em Campo Grande”	DR	1995
11. Manuel Navarro Moreno	“Qualidade Ambiental x Pátios de Prédios”	DR	1995
12. Denise Franquini Morales	“Parques na Grande Cidade Brasileira”	MS	1996
13. Denise Barbosa	“Cidades Novas e Paisagem”	MS	1996
14. Fábio Robba	“Praça Contemporânea Brasileira”	DR	1996
15. Naide Patapas Correa	“Mutação de Paisagem – Pirituba”	MS	1996
16. Wolfgang Steschenko	“Praça Pública em São Paulo”	MS	1996
17. Dinah Hauzmann	“Paisagem e Litoral – Modelos e Predição”	DR	1996
18. Iraúna Bonilha	“Mutação Urbana – Várzeas do Tietê em São Paulo”	MS	1997
19. André Bernardes	“Critérios Paisagísticos para Assentamentos Turísticos	MS	1997
20. Cintia Maria Afonso	“Mutação de Paisagem – Baixada Paulista”	DR	1997
21. Márcia Meneh	“Modelos e Espaços Urbanos”	DR	1997
22. Maria da Gloria Lanci da Silva	“Paisagens Cenográficas”	DR	1998
23. Stael de Almeida Costa	“Mutação – Paisagem das Serras”	DR	1999

Orientador(a): Profª Dra. Maria Angela Faggin Pereira Leite

Alunos (as):	Título do Trabalho	Categoria	Ano/Início
24. Marília B. de Moraes	“Ecossistema Urbano de Ilha Comprida”	MS	1995
25. Ricardo Oliveira	“As Cidades do Médio Norte Mato-Grossense”	MS	1996
26. Sandra A. L. Barros	“Participações e Limites dos Bairros de Apicucos e Panela – Recife”	MS	1997
27. Sílvia Dobry	“Processo Participativo e Ensino de Paisagismo”	MS	1998
28. Caio Boucinhas	“Recursos Hídricos e Manutenção das Cidades”	MS	1998
29. Mauro Font	“Praças Brasileiras”	MS	1999

Orientador(a): Profª Dra. Catharina Pinheiro Cordeiro dos Santos Lima

30. Maria Lúcia Leme Franco	“Processo Participativo da Criação do Projeto Paisagístico”	MS	1999
31. Marta Enokibara	“Parque Dom Pedro em São Paulo”	DR (*)	1999

Orientador: Prof. Dr. Paulo Renato Mesquita Pellegrino

32. Pacíta Lopes Franco	“Geoprocessamento no Planejamento da Paisagem”	MS	1999
33. Maria E. A. Pimentel	“Os Rios no Desenho da Cidade”	MS	1999

Orientador(a): Profª Dra. Maria Assunção Ribeiro Franco

34. Sonia D'Agosto Gorga	“Compreensão do Ciclo das Águas nos Ecossistemas Urbanos”	MS	1997
35. Henny Taylor Flores	“Desenho Ambiental para a Ilha de San Andrez – Colombia”	MS	1998
36. Giovanna Teixeira Damis	“Desenho Ambiental para Uberlândia – MG”	MS	1999
37. José Bento Ferreira	“Sistemas Viários em Áreas de Preservação”	DR	1999

() Co-orientação

Silvio Soares Macedo

Miranda Martinelli

Professores Doutores do Departamento de Projeto.

Orientadores credenciados para o curso de pós-graduação.

BIBLIOGRAFIA

- BENEVOLO, L. Architettura. (verb.) *Enciclopedia del novecento*. Instituto dell Enciclopedia Italiana. São Paulo: FAUUSP, 1976. (Reprodução autorizada pelo autor).
- FEIN, A. *The american city: The ideal and the real in the rise of an american architecture*. Nova York: The Metropolitan Museum of Art, 1970.
- MAGNOLI, D. Soberania e diplomacia: A questão ambiental. In: *Manual do candidato – Questões internacionais contemporâneas*. 2. ed. atual e rev. Brasília: FUNAG, 2000.
- MAGNOLI, M. M. *A universidade, a pesquisa em paisagem e ambiente e o ensino nas escolas de arquitetura*. São Paulo: FAUUSP, 1987, mimeo.
- _____. Experiência de ensino de paisagismo para arquitetos na FAUUSP. In: *Ensino e Pesquisa*. São Paulo: FAUUSP, 1981.
- PESCI, R. *La ciudad de la urbanidad*. Argentina: Fundación CEPA, 1999.
- REIS FILHO, N. G. *Contribuição ao estudo da evolução urbana do Brasil: 1500-1720*. São Paulo: Pioneira/Edusp, 1968.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço. Técnica e tempo. Razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.
- STEINER, F. *Costruire il paesaggio. Un approccio ecologico alla pianificazione del territorio*. Milano, Italia: McGraw-Hill Italia, 1994.
- SZMRECSANYI, M. I. (ed. e org.) O estudo da história na formação do arquiteto. *Revista Pós*. São Paulo: FAUUSP, vol. I (1994), vol. II (1995). Edição Especial.